

Cerca de 90% da ajuda climática do Brasil a países pobres vem de fora

Fundo que financia projetos recebe doação de Noruega e Alemanha

ISABEL FLECK
DE SÃO PAULO

Diante da pressão dos países desenvolvidos para que emergentes contribuam com o fundo de US\$ 100 bilhões para ajudar os mais pobres a enfrentar os impactos da mudança climática, o Brasil tem na cooperação que mantém com países do Sul seu argumento.

O governo brasileiro defende já cumprir seu papel financiando projetos bilaterais ou trilaterais em temas ambientais com países latino-americanos e africanos.

Um levantamento feito pela **Folha** nos ministérios do Meio Ambiente, de Agricultura e de Minas e Energia, além do BNDES e da ABC (Agência Brasileira de Cooperação, ligada ao Itamaraty) mostra que o Brasil gastou US\$ 55,5 milhões em 21 projetos nesta área com países em desenvolvimento desde 2011.

No entanto, desse montante, US\$ 48,9 milhões —ou 88%— vêm do Fundo Amazônia, que é formado quase exclusivamente (99,3%) por doações dos governos da Noruega e da Alemanha.

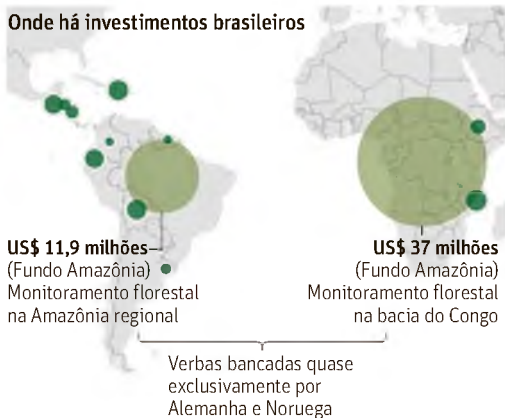
Só 12% do total, ou US\$ 6,6 milhões, são recursos do governo brasileiro —vindos da ABC, da ANA (Agência Nacional de Águas), de ministérios e de universidades federais, entre outros. Os programas incluem projetos como gestão de recursos hídricos e de resíduos sólidos, de manejo sustentável de florestas e de zoneamento agroecológico.

As duas maiores contribuições são feitas justamente com o Fundo Amazônia, administrado pelo BNDES. Uma

DINHEIRO ESTRANGEIRO

Dos US\$ 55,5 milhões* de cooperação gastos pelo Brasil desde 2011, 88% vieram de países europeus

Onde há investimentos brasileiros



*O valor não abrange eventuais programas de empresas e bancos públicos ou outras instituições públicas, como universidades federais, que não tenham a mediação da ABC
Fonte: ABC e Ministério do Meio Ambiente

é para o projeto de monitoramento da cobertura florestal com outros países amazônicos, no qual foram investidos US\$ 11,9 milhões do fundo.

Outra vai para um programa que ainda está em negociação com dez países da bacia do Congo, estimado em cerca de US\$ 37 milhões.

O levantamento feito pela reportagem não inclui eventuais programas de empresas e bancos públicos ou de outras instituições públicas, como universidades, que não tenham mediação da ABC.

Em entrevista à **Folha** antes da COP21, a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, afirmou que o fundo de US\$ 100 bilhões ao ano, acertado na conferência de Copenhague, em 2009, é “de obrigação dos desenvolvidos”.

“O Brasil já apoia países mais pobres. Nós continuaremos a investir e cooperar no

âmbito Sul-Sul”, disse.

Ela ainda defendeu o uso do Fundo Amazônia como contribuição do Brasil, e não dos doadores iniciais. “Esse dinheiro é do Brasil porque vem pelo nosso desempenho na redução de emissões. A gente pega esse dinheiro e aplica na Sul-Sul.”

Procurada após o levantamento, a ministra não respondeu, até a conclusão desta edição, ao pedido para comentar os números.

Os países mais ricos, liderados pelos EUA, querem a contribuição dos em desenvolvimento, mas já admitem que seja de forma voluntária.

Para Márcio Santilli, sócio-fundador do Instituto Socioambiental, não há razões para países como Brasil e China não colocarem dinheiro no fundo. “Eles têm capacidade enormemente superior à dos países em desenvolvimento.”